

LINHA POLÍTICA E PROGRAMA da

UNIÃO COMUNISTA  
(marxista leninista)

(PROJECTO)

VIVA A VANGUARDA DA CLASSE OPERÁRIA!  
AVANTE PELA CRIAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA  
(M.L.) DE PORTUGAL!  
VIVA O MARXISMO-LENINISMO-PENSAMENTO MAO  
TSÉ TUNG!  
CONTRA O CAPITALISMO, O COLONIALISMO E O  
IMPERIALISMO!  
PÃO, PAZ, TERRA, INDEPENDÊNCIA NACIONAL E  
DEMOCRACIA POPULAR!  
AVANTE PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA-POPULAR  
PELA INSTAURAÇÃO DA DITADURA DO  
PROLETARIADO E PELA CONSTRUÇÃO DO  
SOCIALISMO!

.....  
Os comunistas portugueses agrupados na União Comunista (marxista-leninista) expõem aqui os princípios gerais marxistas-leninistas que regem a sua LINHA POLÍTICA bem como o PROGRAMA a ser levado à prática, na presente etapa de reconstrução do Partido Comunista (m-1) de Portugal. Consideramos, desta forma, este documento como a bússula para a sua actividade militante. Todos os camaradas têm o dever de o conhecer bem a fundo, de o defender e aplicar com ardôr, e de o divulgar incansavelmente junto de toda a vanguarda do nosso proletariado.

.....  
LINHA POLITICA

I

O marxismo-leninismo-pensamento Mao  
Tsé Tung

1. Os comunistas guiam-se pela doutrina criada por Marx e Engels, e desenvolvida por Lenine, Estáline e Mao Tsé Tung. Essa doutrina chama-se o marxismo-leninismo-

pensamento Mao TSE Tung. Essa doutrina é a única ideologia científica da classe operária, o único guia válido para a sua acção revolucionária.

2. A nossa doutrina tem um carácter de classe PROLETÁRIO—é a ideologia da classe operária, a síntese das suas aspirações fundamentais e imediatas. O marxismo-leninismo aponta o objectivo final da classe operária a instauração da sociedade sem classes, comunismo, e como primeiro passo nessa direcção a instauração da ditadura do proletariado, como fase preparatória.

3. A nossa doutrina tem um carácter eminentemente prático e revolucionário. Daí que ela seja a nossa bússola para a acção revolucionária; daí que ela só possa enriquecer-se a partir da prática revolucionária. O marxismo-leninismo aponta as armas essenciais que a classe operária e todo o povo têm que recorrer para acabar com a exploração capitalista—o Partido Comunista, a Frente Popular e o Exército Popular, e a revolução armada popular.

4. A nossa doutrina tem um carácter profundamente científico. Tudo o que ela afirma se verificou, se vem verificando ou se verificará. O ser uma ciência permite-nos, com toda a certeza, determinar as leis de desenvolvimento da nossa sociedade, as suas tendências futuras, o comportamento das diversas classes que a compõem, e qual delas vencerá.

5. A nossa doutrina surgiu e desenvolveu-se em luta constante contra a ideologia burguesa, caduca e reacçãoária, a qual procurou sempre aviltar, adulterar, reverter e minar o marxismo-leninismo, não só de fora, por meio de toda uma campanha de calúnias de que o marxismo-leninismo é errado e "está morto", como até no seio do movimento comunista internacional. Para isso, usou como suas muletas para es

te trabalho, o oportunismo e o <sup>v</sup> revisionismo

O oportunismo é um desvio dos princípios marxistas-leninistas, erra na sua aplicação e interpretação, e dá origem a derrotas, mais ou menos graves, na acção. O revisionismo dos virtua por completo os princípios marxistas leninistas, substitui-os por outros, importa dos directamente da ideologia bu<sup>l</sup>guesa, aplica-os sistematicamente, e de uma forma consciente leva o movimento revolucionário para poderosas derrotas. O oportunismo, ao não ser corregido, mina todo o Partido, e amadurucendo transforma-se em revisionismo; isto o confirma toda a experiência do movimento comunista internacional. É, pois, dever de todos os camaradas a defesa da pureza dos princípios marxistas-leninistas, a sua aplicação correcta, de acordo com as situações concretas, a constante critica e auto-critica dos seus erros, e o combate intransigente contra o revisionismo e todas as suas formas de oportunismo. SEM ISTO NÃO HÁ FIDELIDADE AO MARXISMO-LENINISMO, NEM GARANTIA DE VITÓRIA NA ACÇÃO:.

## II

### A época actual

6. A época actual é a época da derrocada do imperialismo americano, de momentânea ascensão do social imperialismo soviético, e de transição revolucionária para o socialismo. É a época da crise derradeira do capitalismo, da vaga das revoluções socialistas e de libertação nacional, da consolidação dos países socialistas e dos Partidos e Organizações Marxistas-Leninistas, em todo o mundo.

7. O toque de finados do sistema capitalista começou com a revolução socialista de Outubro na Rússia, em 1917, sob a direcção

do P.C. (b) da Rússia, e do seu grande dirigente, o camarada LENINE. Nesse período, o capitalismo havia atingido o seu estado supremo de imperialismo, as suas contradições haviam-se agudizado até ao extremo, de tal forma que a revolução proletária se colocara na ordem do dia, como questão prática. Graças à vitória da revolução de Outubro instaurou-se na Rússia a ditadura do proletariado, a qual sob a direcção do camarada ESTÁLINE se se consolidou em condições de apertado cerco imperialista. A União Soviética tornou-se então, nesses tempos, a Pátria do Socialismo, o farol e guia de todos os proletários e povos do mundo. Representava a almejada libertação da escravidão assalariada, a confirmação prática, à vista de todos, da vitória do Socialismo e da justeza da nossa doutrina, o marxismo leninismo. A vitória da revolução de 1917 consistiu num poderoso impulso para a luta do proletariado e de todos os povos; o entusiasmo revolucionário redobrou, e a partir desta altura, o movimento revolucionário deu um grande salto em frente.

8. Mas nem só o proletariado dos países capitalistas se lançou à luta pelo socialismo, como os povos de todo o mundo oprimido se levantaram na luta pela libertação nacional. Nas décadas difíceis de 30 a 50, de reacção nazi-fascista e de expansão sanguinária do imperialismo, o proletariado e os povos levantaram-se em várias partes do mundo conquistando o socialismo e a libertação nacional. Os heróicos povos de Espanha, acarinhados e militantemente apoiados pela grande URSS e pelos revolucionários de todo o mundo, levantaram-se como um só homem, contra os bandos de Franco Hitler, Mussolini, e Salazar, perante a "neutralidade" criminosa das caducas democracias burguesas do mundo capitalista. Os povos soviéticos, dirigidos pelo seu Partido e pelo grande estratega ESTÁLINE destruíram as hordas naz

is, e em férrea unidade com o proletariado mundial e os povos oprimidos de todo o mundo levaram à derrocada do nazi-fascismo, e à instauração do socialismo em vários países da Europa e da Ásia, ampliando o campo socialista. Também, na Albânia, este pequeno heroico povo, derigido pelo Partido Comunista da Albânia e pelo camarada Enver Hodja, sacudiu o jugo imperialista dos nazi-fascistas e conquistou a Independência Nacional. E na China, o povo chinês unido em torno do P.C. da China e do camarada Mao Tsé Tung, sacudiu o jugo imperialista japonês e destruiu os reacionários internos, conquistando a independência nacional, ao fim de uma prolongada guerra revolucionária. Sobretudo, a vitória da revolução democrática e nacional na China provocou um poderoso abalo em todo o sistema mundial imperialista, tornando-se um fârol e guia para os milhões de homens oprimidos pelo imperialismo.

9. Sob a direcção do P.C. da China e do P.T.A., a revolução de libertação nacional transformou-se em revolução socialista na China e na Albânia, levando à ampliação do campo socialista, e confirmando a doutrina marxista-leninista da revolução ininterrompida - os povos oprimidos pelo imperialismo passam ao socialismo, sem necessitarem de ver o capitalismo, desde que a sua revolução nacional libertadora seja conduzida vitoriosamente pelo proletariado e pelo Partido Comunista, que impulsionarão a vaga revolucionária para diante.

10. Momentâneamente, desde 1956 até aos primeiros anos de 60, em virtude da traição dos revisionistas modernos russos, a vaga revolucionária sofreu duros reveses com a restauração do capitalismo em muitos países antigamente socialistas, a começar pela

própria URSS, outrora pátria do socialismo, com a conseqüente debilitação do campo socialista com a destruição dos Partidos Comunistas em muitas partes do mundo, com a conseqüente desorganização do movimento operário nos países capitalistas. Mas desde princípios da década de 60 que o reagrupamento dos marxistas-leninistas se começou a realizar por todo o lado, e o movimento operário nos países capitalistas <sup>tomar</sup> as voltas a levantar a cabeça, que o revisionismo internacional se tem desmascarado e isolado perante os povos do mundo, que a influência dos países verdadeiramente socialistas aumentou, que o movimento de libertação nacional cresceu e alcançou importantes vitórias.

11. No momento actual, a situação internacional caracteriza-se pela agudização das seguintes contradições fundamentais: entre o proletariado e a burguesia, nos países capitalistas e revisionistas; entre os povos e países do mundo oprimido e o imperialismo e o social imperialismo; entre os países socialistas e os países capitalistas e revisionistas; entre os países capitalistas e os revisionistas, bem como as contradições dentro os países capitalistas e dentro os países revisionistas.

12. Os países socialistas são a força determinante da revolução proletária mundial, e uma poderosa base externa de apoio para a luta de todos os povos. Os países socialistas são hoje a China, a Albânia, o Vietnã e a Coreia. A ditadura do proletariado na China e na Albânia, sobretudo, vem atingindo uma nova etapa no caminho da liquidação das classes. Os países socialistas tornaram-se um verdadeiro baluarte anti-imperialista, anti-social imperialista e anti-revisionista.

13. É nos países coloniais e semi coloniais que se tem centrado a zona de tempestades revolucionárias, como afirmou o camarada LENINE e como o afirmam hoje os camaradas chineses.

As chamadas das lutas de libertação nacional têm-se estendido vitoriosamente a todos os continentes. Na Europa, os povos de Espanha, conduzidos pelo P. C. de Espanha (m-1) e o povo da Irlanda alcançam novas vitórias contra o imperialismo americano e o colonialismo inglês. Na América Latina, o povo do Brasil, conduzido pelo P.C. do Brasil amplia o seu movimento guerrilheiro, na Bolívia sob a direção do P.C. da Bolívia (m-1), no Chile e noutros países amplia-se o movimento de massas e resistência armada da anti-imperialista. Na África, os povos da Guiné, Angola e Moçambique, Zimbabwe, Namíbia e África do Sul assestam derrotas e sobre derrotas aos colonialistas portugueses, aos racistas rodesianos e sul africanos, debilitando os suportes do imperialismo nesta parte do mundo. Na Ásia, os heróicos povos do Vietnã, do Laos e do Camboja assestaram uma fragorosa derrota nos imperialistas americanos e caminham para a libertação total das suas pátrias; os povos da Indonésia, das Filipinas, da Tailândia e da Índia, conduzidos pelos seus Partidos Comunistas (marxistas-leninistas), desenvolvem o movimento revolucionário libertador. No Médio Oriente, o povo palestino e o povo do Dófar assestam derrotas no sionismo e no colonialismo inglês, debilitando extraordinariamente os suportes do imperialismo nesta zona.

14. Nos países capitalistas, à medida que as forças marxistas-leninistas se reagrupam, à medida que os Partidos Comunistas (marxistas-leninistas) se ligam às massas, o movimento revolucionário vai crescendo. É o caso da Alemanha, da Suíça, da Bélgica, da Itália e da França. Nos países revisionistas, como na Polónia e na Rússia, sobretudo, o proletariado e o povo vêm-se levantando contra as burguesias

revisionistas, conduzidos pelos seus Partidos Comunistas (marxistas-leninistas), O P.C. da Polónia e o P.C. da URSS, ambos na clandestinidade de mais rigorosa.

15. A época actual confirma a asserção marxista-leninista de que a tendência principal do seu desenvolvimento é o sua unidade contra o imperialismo e o social-imperialismo, sobretudo contra a aliança americana-russa, principal inimigo dos povos de todo o mundo.

### III

#### O movimento comunista internacional

16. Desde que Marx e Engels criaram a 1ª Internacional Comunista, a célebre palavra de ordem "Proletários de todos os países, uni-vos!" materializara-se na prática. A experiência da 1ª I.C. mostrou aos fundadores do socialismo científico que era necessário constituir partidos políticos do proletariado em todos os países, que fossem a força da vanguarda, o estado maior do proletariado, para que o movimento revolucionário em cada país pudesse avançar.

17. Desde a dissolução da 1ª I.C., vários partidos políticos proletários foram criados, os quais vieram mais tarde a fundar a 2ª Internacional Comunista, que veio a ser ignominiosamente corrompida pelo reformismo social-democrata, muleta do imperialismo internacional. Muitos partidos afundaram-se no lodaçal do reformismo, e quando a crise interna do imperialismo estourou com a primeira guerra mundial imperialista, passaram-se para as fileiras da reacção, alegando o dever de defender as pátoias burguesas.

18. Lenine à frente do Partido Comunista (bolchevique) da Rússia e a esquerda zimmerwaldiana da 2ª Internacional, rebelaram-se contra a traição reformista e colocaram na ordem do dia a criação de PARTIDOS POLÍTICOS DO PROLETA

RIADO, DE TIPO NOVO, partidos comunistas, bolchevizados, defensores intransigentes da luta de classes e do internacionalismo proletário, guiados pelo marxismo-leninismo, a doutrina do nosso Partido e da revolução. Após o triunfo da revolução de Outubro na Rússia, vários partidos, à frente dos quais estava o PC (b) da União Soviética, fundaram em 1919 a 3ª Internacional Comunista, o KOMINTERN. O movimento comunista internacional erguia-se de novo, apoiado nas vitórias da União Soviética, na experiência do PC(b)US, nos ensinamentos de Lenine, rechaçando o reformismo social-imperialista dos pontífices da 2ª Internacional. Cedo se criaram partidos comunistas em todo o mundo, como é o nosso caso, tendo sido criado o P.C.P. (SPIC) em 1921. Sob a orientação do camarada Estaline, o movimento comunista internacional tornou-se forte e coeso como uma rocha. O espírito estalinista de CONSCIÊNCIA, DISCIPLINA e ORGANIZAÇÃO tornou-se o ponto essencial da bolchevização dos partidos de tipo novo.

19. Quando em 1956, os revisionistas modernos se apossaram de vários partidos comunistas, entre eles o glorioso PCUS, o movimento comunista internacional foi profundamente abalado pela degenerescência desses partidos. Nos anos futuros, várias dezenas de Partidos Comunistas foram liquidados e as suas direcções passaram às mãos das camarilhas revisionistas de cada país, as quais enterraram os militantes no maior obscurantismo e seguidismo político e ideológico, como aconteceu também entre nós, com o P.C.P. liquidado pela camarilha revisionista de Álvaro Cunhal. O revisionismo moderno instalou-se no interior do movimento co-

munista internacional, e apostara-se em liquidá-la. Contra ele levantaram-se vários Partidos Comunistas, à cabeça dos quais estavam o P.C. da China e o P.T.A., com os camaradas Mao Tsé Tung e Enver Hodjá à frente. Contra ele se levantaram todos os elementos sãos dos Partidos então liquidados, como aconteceu entre nós, quando os marxistas-leninistas criaram em 1964, o Comité Marxista-Leninista Português ("Revolução Popular"). Após alguns anos de confusão e de pontificado de Krutchov, as forças marxistas-leninistas, encabeçadas pelo P.C. da China e pelo P.T.A., reergueram-se por toda a parte, reconstruindo o movimento comunista internacional. Nas novas condições de existência do revisionismo, como poder de estado em vários países dantes socialistas, os Partidos Comunistas têm de desenvolver uma acirrada vigilância e luta pertinaz contra o revisionismo moderno no seu seio e no seio do movimento de massas,

20. A experiência do movimento comunista internacional mostra que este se forjou na luta tenaz contra a corrupção e a desagregação burguesas. Teve de se livrar da anarquismo, no tempo de Marx e Engels, do social democratismo patrioteiro e imperialista no tempo de Lenine, do social fascismo, do braudéfismo, do trotskismo e do stalinismo no tempo de Estaline, e do revisionismo moderno no tempo de Mao Tsé Tung. Hoje, o revisionismo moderno é o principal inimigo do marxismo-leninismo no seio do movimento operário, e tem de ser implacavelmente combatido pelos comunistas. TODA A TRANSIGÊNCIA E CAPITULAÇÃO CONDENAM À MORTE A CORRENTE MARXISTA-LENINISTA:

#### IV

#### O Partido Comunista

21. Para fazer a revolução e triunfar nessa empresa tamanha, o proletariado e o povo necessitam de um estado-maior de dirigentes, apetrechados de uma Linha Política e de um Programa, bem organizados e coesos como uma rocha. Este

estado-maior é justamente o PARTIDO COMUNISTA, partido da vanguarda organizada e consciente do proletariado.

22. O Partido Comunista caracteriza-se por ter o marxismo-leninismo por guia, por ligar a teoria à prática, por aplicar a crítica e a auto crítica dos seus erros em todos os escalões, por estreitar os seus laços cada vez mais com as massas, e por estar organizado em células, segundo o princípio do centralismo democrático.

23. Os comunistas consideram capital a sua organização própria em Partido político. Eles só existem como tal dentro de uma organização política com as características ~~que~~ nós apontadas atrás.

24. Dada a importância decisiva do Partido Comunista, a burguesia procura desferir sobre ele os seus golpes; socorre-se para isso não só da repressão mais bárbara sobre os seus militantes, como ainda do oportunismo e do revisionismo, e demais correntes anti marxistas-leninistas. Todas estas correntes visam liquidá-lo, quer revendo os princípios da teoria pelo o Partido se rege, quer afrouxando os laços com as massas, quer destruindo o seu sistema de organização em células e o seu princípio de funcionamento centralista-democrático.

25. O Partido Comunista é o Partido da classe operária, o seu ÚNICO PARTIDO. Todos os demais são partidos burgueses para operários, são asas esquerdas da burguesia no seio do movimento operário, como o Partido "comunista" revisionista e o Partido "Socialista". Mas, apesar de ser o Partido da classe operária, nele não milita qualquer operário, ou a maioria dos operários - nele militam apenas os operários de vanguarda.

.....

V

A linha de massas

26.0 Partido Comunista não se constrói pa-  
ra se bastar a si mesmo, pelo prazer de organi-  
zar por organizar. O Partido Comunista é uma  
arma para a acção revolucionária do proletá-  
riado. Assim, ele tem por missão ligar-se às  
massas o mais estreitamente possível, organi-  
zando-as à sua volta, numa ampla frente popu-  
lar que seja o suporte do movimento revoluci-  
onário das massas. A Linha de Massas não se  
traduz única e exclusivamente na agitação e  
propaganda; o seu trabalho é o de organizar  
as massas nas "correias de transmissão"; como  
lhes chamava o camarada Estaline. SEM ORGANI-  
ZAÇÃO DAS MASSAS não há movimento revolucio-  
nário sólido.

27. Uma correcta linha de massas que regei-  
te quer a unidade sem principios, a unidade  
capituladora e paralisante, quer o afrouxamen-  
to dos laços das massas sem Partido, provocado  
pelo sectarismo, é um ponto capital para a so-  
brevivência do Partido Comunista e para o tri-  
unfo e consolidação da revolução. Todos os er-  
ros cometidos neste campo custam bem caro co-  
mo o mostra a experiência do movimento comu-  
nista internacional.

28. Uma linha de Massas não se traduz sem-  
pre, em todas e quaisquer circunstâncias, pela  
mesma direcção fundamental de trabalho. Para  
uma JORNALIZAÇÃO MARXISTA LENINISTA embrioná-  
ria, para um jovem Partido Comunista, a tarefa  
fundamental no campo do trabalho de massas é  
a ligação, prioritária, à CLASSE OPERÁRIA. Os  
comunistas derigem-se, primeiro que tudo, a es-  
te sector das massas, porque é ele o fundamen-  
tal, o de vanguarda, ao qual cabe a hegemonia  
no movimento revolucionário.

.....

O internacionalismo proletário

29. A nossa doutrina, o marxismo-leninismo, postula que a causa da revolução proletária é mundial, interessa a todos os proletários, indistintamente da nação onde labutam. Nessa medida, eles devem entre-ajudar-se. Ponto capital, neste campo é desenvolver em cada país o movimento revolucionário. O inte

rnacionalismo proletário consiste, para os comunistas, primeiro que tudo no desenvolvimento da revolução no seu próprio país. Além deste propósito internacionalista fundamental, o proletariado e as massas populares de cada país têm por obrigação apoiar concretamente, por todas as formas, o movimento revolucionário nos outros países - em primeiro lugar, o movimento de libertação nacional dos povos das colónias sob o jugo da burguesia do seu próprio país. É o caso do proletariado português.

30. O internacionalismo é uma atitude eminentemente proletária, como o indica o próprio nome. É próprio da classe operária; é esta que dá o exemplo, é esta que tem que tomar a cabeça do movimento de solidariedade internacionalista. Há que trabalhar duro para que isto se realize na prática, não inventando um movimento internacionalista do proletariado onde ele, de facto, não está presente. O internacionalismo proletário

31. O internacionalismo proletário exige dos comunistas um trabalho sistemático anti-imperialista, anti-colonialista, anti-social-imperialista, e anti-raçista. Este trabalho assume particular importância nos países arreigadamente colonialistas e imperialistas, como acontece entre nós, em que há que combater o chauvinismo, mesmo no seio da classe operária.

..... ^ .....

VII

O movimento comunista em  
Portugal

32. Após a fundação da 3ª Internacional Comunista por Lenine, tal como noutros países do mundo também em Portugal foi criado o Partido Comunista Português, S.P.I.C., em 1921. Era de início um Partido fracamente proletarizado e pouco ou nada bolchevizado; pontificavam no seu seio intelectuais arrivistas pequenos burgueses.

33. Anos mais tarde, depois de várias tentativas de reorganização, Bento Gonçalves e outros militantes reestruturaram o P.C.P. em novos moldes, proletarizaram as suas fileiras lançaram um mínimo de aparelho bolchevique no meio operário, limparam o Partido dos intelectuais arrivistas da primeira hora. Desde 1929, após a reorganização, que o P.C.P. se lançou ao trabalho de massas, primeiramente junto da classe operária, disputando a influência ideológica e organizativa ao anarcosindicalismo, tendo vindo a alcançar importantes êxitos nos anos de 1930. Contam-se, neste período, a criação da Federação das Juventudes Comunistas Portuguesas (S.P.I.C.J.), da ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA da ARMADA (O.R.A.), da ORGANIZAÇÃO REVOLUCIONÁRIA do EXERCITO (O.R.E.), a pujança da Comissão Inter-Sindical, secção portuguesa da Internacional Sindical Vermelha o trabalho para a criação da Frente Popular; a criação do Socorro Vermelho; Grandes jornadas de luta assinalaram este período, como o movimento grevista de 1932 e 1933, os 1º de Maio, o 18 de Janeiro de 1934, o movimento camponês, as manifestações políticas espontâneas como as do Barreiro, importantes páginas da luta no próprio momento em que a sanguinária botafascista se implantara em Portugal. OS comunistas, na mais severa clandestinidade, e o proletariado português sempre, desde o início,

disseram não ao Fascismo, e levantaram-se em luta, no meio da mais feroz repressão fascista e traição anarquista e reformista. Dedicados militantes do nosso Partido e da nossa Juventude Comunista caíram na luta, como Aurélio Dias, Vieira Tomé, Armando Ramos, Ferreira de Abreu, Manuel dos Santos e tantos outros.

34. Contudo, o P.C.P. não soube limpar das suas fileiras a mentalidade economicista, que havia herdado do anarco-sindicalismo. Encerrou-se demasiado no sindicalismo, descurou a ampliação e a organização do movimento político de classe, e veio a cair no maior oportunismo, quando o grupelho provocatório tomou a sua direcção levando a que a 3ª I.C. cortasse relações com o P.C.P.. Em 1940 colôca-se, desta feita, aos comunistas portugueses a tarefa de reorganizar, de novo, o seu Partido.

34.0 P.C.P. afirmara-se como a única organização anti-fascista capaz de conduzir a luta na mais dura clandestinidade. Contudo até 1940, as deficiências da organização ilegal eram notórias, e o Partido sofreu vários golpes policiais. Colocava-se, então, aos comunistas a tarefa de por de pé um Partido bem organizado na clandestinidade, convenientemente defendido da polícia política. Os militantes do nosso Partido deram, por isso particular atenção ao trabalho de organização partidária. Com a amnistia dos "centenários" e o fim de algumas condenações, voltam ao Partido um bom conjunto de quadros operários e outros provenientes da intelectualidade, entre os quais se destacam José Gregório e Militão Ribeiro. Criou-se um quadro de funcionários clandestinos; o Comité Central começou a funcionar com regularidade, planificou-se o trabalho partidário, liquidou-se o artesanismo. O grupelho provocatório que se

fazia passar por "Partido Comunista", são completamente cilindrados e isolados da massa operária.

36. Contudo, este trabalho positivo procurando bolchevizar, no plano orgânico, o aparelho do Partido, não foi acompanhado por um trabalho de bolchevização da Linha Política. Persistiu-se no economicismo, encerrando o movimento operário na luta económica, que teve de facto um grande impulso, dadas as condições generalizadas de fome e miséria entre as massas agravadas pela guerra imperialista, na altura. As greves de dezenas de milhares de operários na região de Lisboa em 1942 e 1943, do Baixo Alentejo em 1944, da Covilhã em 1946, do Estaleiro Naval de Lisboa em 1947, foram de grande envergadura e revelaram grandes dirigentes operários, como o camarada Alfredo Diniz, dirigente do movimento grevista, membro do CC do nosso Partido, assinado pela PIDE em 1945. A deficiência fundamental persiste: descursa-se a luta política da classe operária, acorrenta-se esta ao movimento de oposição burguesa à ditadura, no qual pontificavam os burgueses anti-salazaristas, que procuravam usar o Partido e a classe operária como força de choque. O 1º Congresso Ilegal do nosso Partido, em 1943, refletiu já esta linha oportunistá. O informe de Álvaro Cunhal centrou-se fundamentalmente na luta económica para a classe operária e na frente de oposição anti-fascista, liderada pela burguesia anti-salazarista, descutando os objectivos próprios da classe operária, a sua política de hegemonia e de alianças estratégicas. Este desvio de direitá veio a refletir-se no movimento operário, que afrouxou a partir em que o nível de vida das massas se elevou um pouco e a desmobilização da vanguarda se acelerou, em virtude da linha oportunista do Partido. O movimento anti-fascista, no mesmo período, cresceu, mas no seu seio foi a burguesia

anti-salazarista que tomou a liderança, como demonstrou a experiência do MUNAF (1944) e do MUD (1946). Num período tão excelente, como aquele, que se abriu na década de 40, quando o fascismo se encontrava profundamente abalado internacionalmente, o fascismo português encontrava-se cada vez vez mais isolado o movimento operário, merçê da linha capitulacionista do Partido, não soube tomar a dianteira, e veio a colar-se a reboque da burguesia anti-fascista. Perdeu-se uma óptima oportunidade. As responsabilidades cabem, de facto, ao nosso Partido, sobretudo aos seus dirigentes da altura, entre os quais ponteficava Álvaro Cunhal. Esta linha oportunista veio a consagrar-se no 2º Congresso Ilegal em 1946, onde o mesmo Cunhal expôs a sua linha de "unidade", que não é mais que o amordaçar do movimento operário, limitando-o à luta económica como força de pressão ao serviço da oposição democrática-burguesa.

37. A linha de "unidade" cunhalista foi e é uma política, essencialmente de capitulação do movimento operário perante a burguesia. Ela encontrou a sua raiz teórica na ausência de estratégia, na ausência de ~~um~~ programa político proletário. Enconcha-se nas tarefas políticas imediatas, ajoelha-se diante do movimento espontâneo operário colôcando-o ao serviço da Oposição burguesa. Esta política de capitulação tomou, na altura, uma forma ainda mais acabada com a chamada "plataforma da política de transição" proposta pelos ultra-oportunistas Fogaça e Soares no Tarrafal. Esta política levava até ao extremo o capitulacionismo, propondo até a própria liquidação do Partido Comunista. Não existe, de forma alguma, um abismo entre a linha de "unidade" de Cunhalista e a "plataforma da política de transição".

elas têm a mesma raiz. A única diferença consi-  
ste no facto de que a "política de transição"  
levou até às suas últimas consequências a lin-  
ha capituladora no seio do movimento operá-  
rio; afirmou abertamente que a melhor forma de  
liquidar o movimento operário é liquidar a su-  
a força de vanguarda, o seu coração e cérebro  
o Partido Comunista. Existe um laço indissolúvel  
entre a "unidade" de Cunhal e a "política de tran-  
sição". Isto o compreendeu um dos nossos melho-  
res camaradas, Militão Ribeiro, que iniciou no i-  
terior do Partido uma crítica, embora incom-  
pleta, à linha da "unidade" cunhalista, conside-  
rando-a com todas as letras oportunista. A pró-  
pria prática do movimento em 1944 e 1946 o  
mostrara: estavam bem à vista os resultados do  
MUNAF e do MUD, a liquidação das Juventudes  
Comunistas e dos Grupos Anti-Fascistas de comb-  
bate. Entretanto Militão Ribeiro veio a morrer  
heróicamente em luta na cadeia. Aí o oportunism-  
mo dum dos pontífices oportunistas do nosso  
Partido, Álvaro Cunhal, ficou ainda mais claro.  
Este iniciou uma greve da fome com Militão.  
Abandonou-a depois, e juntamente com os carcere-  
reiros incita Militão a parar a greve. Militão  
era um bolchevique, não capitulava, e morreu c-  
como um herói. No fundo, este episódio comprova  
cabalmente uma vez mais, como o capitulacionis-  
mo dos oportunistas se revela em todas as circ-  
cunstâncias. Atesta bem quem é o canalha que  
hoje está à frente de um "partido" que se inti-  
tula de "comunista".

38. Nova vaga policial abala o nosso Parti-  
do. Nas circunstâncias da altura, o Partido ne-  
cessitava de bolchevizar-se de novo, reconstru-  
ir o aparelho clandestino., elevar o seu nível  
ideológico e político, combater o direitismo.  
Este trabalho veio a ser feito em 1959 por um  
dos nossos melhores dirigentes do nosso Partido,  
José Gregório. O aparelho ilegal é reerguido,  
a vaga policial estancada. Retomando o combate  
de Militão, os comunistas desencadearam a luta

contra o direitismo. Contudo, a linha da "unidade" não foi directamente atingida, e isto foi negativo. O Partido depurou-se de alguns direitistas crónicos e titistas mas não estendeu esta limpeza até certos quadros, como é o caso flagrante de Júlio Fogaça, direitista da pior espécie, com tentando-se com a autocrítica de fachada deles, e chamou-os a quadros dirigentes, como aconteceu com o mesmo Fogaça. E isto foi, também, negativo. Hoje é claro para nós que estes erros vieram a dar os seus frutos dramáticos, posteriormente, quando os ultra-oportunistas da laia do Fogaça e Soares vieram a tomar a direcção do Partido. Devemos, no entanto, realçar que o combate ao direitismo foi um importante passo dado pelo nosso Partido.

39. A luta contra o direitismo exigia que de uma vez por todas, se apetrechasse o nosso Partido com um Programa Político marxista-leninista, que desse aos militantes uma Linha de Rumo. Pela primeira vez, na história do nosso Partido, um Projecto de Programa foi elaborado na 5ª reunião ampliada do CC do P. C. P. em 1954. O carácter da nossa revolução foi aí definido e as tarefas estratégicas determinadas. Isto constituiu uma importante vitória do marxismo-leninismo, que logo deu resultados positivos na acção, pois foi nestes tempos que o nosso Partido conseguiu encetar um correcto trabalho anti-fascista de unidade, colocando o movimento da classe operária no posto de comando e subordinando a oposição burguesa à sua direcção. As campanhas de massas de 1951 e 1953, a criação do Movimento Nacional Democrático, a revitalização do MUD Juvenil, são êxitos a tomar em conta.

40. Mas os erros na luta contra o direi

tismo, o ascenso do movimento democrático da burguesia anti-fascista, traição revisionista dos krutchevistas, tudo isto em conjunto incentivou os ultra oportunistas a tomarem mão do Partido. Os homens do "política de transição" assumiram a direcção, no momento em que Gregório vai para a Checoslováquia, e em que inúmeros quadros estão na cadeia. O nosso Partido atravessou o seu período de maior oportunismo. Bateu-se pela queda doce do fascismo, pelo afastamento pacífico do ditador Salazar, abriram-se as portas do Partido a "qualquer homem ou mulher, seja qual for a sua raça ou fé", liquidou-se o movimento operário en<sup>en</sup>trinchendo-se nas directivas ordeiras da Opção democrática burguesa. O 5º Congresso convocado sancionou esta política e abandonou o Projecto Programa de 1954. Ora, justamente, desde 1956 que o movimento de massas vinha a crescer, culminando em 1958; como consequência do oportunismo político e do liberalismo organizativo, que atingiram as formas mais extremadas, o Partido sofreu uma sangria de quadros; enquanto que em relação à chamada "destalinização" do Partido, muitos velhos militantes operários abandonaram o Partido, ao mesmo tempo que as suas fileiras se enchiam de pequeno burgueses e intelectuais, o que originou a desproletarização.

41. Mais uma vez se tornava necessário reorganizar o nosso Partido. Agora mais do que nunca ficou claro: ou o mal do direitismo é combatido até às suas últimas raízes, ou o Partido liquidar-se-ia de vez. Alguns militantes compreenderam-no claramente: não é por acaso que o direitismo pode campear à solta no nosso Partido; as suas raízes jamais foram deitadas abaixo. Mas, a maioria dos militantes, capitaneados por Cunhal criticam superficialmente a "política" de 1956, apelidando-a de mero desvio de direita "e caíam nos braços da linha da "união", que já havia falhado na prática dos

anos 40. Só alguns militantes, verdadeiramente fiéis ao marxismo-leninismo, foram mais longe e encetam a critica em profundidade ao direitismo: e a linha de "unidade" ficou, também, como não podia deixar de ser, na mira do fogo da sua critica. Todos os direitistas se levantaram contra esta critica. E o direitismo cunhalista desenvolveu-se, então, rapidamente, tanto no campo teórico, como no campo organizativo. Cunhal atacou o P.C. da China, caluniou-o vergonhosamente, tomou posição claramente ao lado do PCUS e do renegado Krustchev, implantou o obscurantismo no seio do Partido procurando impedir a todos os militantes o conhecimento das divergências no seio do movimento comunista internacional. Iniciou a linha de isolamento dos elementos sãos, recorrendo a calúnias, ataques e outras atitudes mais vis. Com a desproletarização do Partido, a estrutura celular nas fábricas murchou.

42. No plano da actividade politica das massas, o Partido levou o seu oportunismo até à traição descarada. O oportunismo de direita cunhalista viu-se obrigado a definir-se, cada vez melhor, a aprofundar-se face ao movimento revolucionário em ascensão. O movimento de massas de 1961 e 1962, que criou circunstâncias extremamente favoráveis para o proletariado, encontrou pela frente a mais desavergonhada sabotagem dos oportunistas. O Partido levou o movimento à desmobilização pela repetição sistemática das mesmas formas de luta, travando o uso da violência, apagando os objectivos finais de derrubada do fascismo, de fim à guerra e à miséria. Hoje, parece-nos ser claro que foi na medida em que o movimento de massas de 1961 e 1962 transformou o oportunismo em

traição, que todos os elementos fiéis ao marxis  
mo-leninismo compreenderam melhor do que nunca  
a necessidade de ir para a cisão.

43. A liquidação do PC deveu-se sobretudo  
a três aspectos: ou o Partido se punha à frente  
do poderoso movimento de massas ou o trava  
va, tal como fez; ou o Partido alinhava ombro a  
ombro com os movimentos de libertação das co  
lônias, ou se colocava do lado da burguesia, tal  
como aconteceu; ou o Partido se colocava do lado  
dos marxistas-leninistas no movimento comunis  
ta internacional, ou do lado dos revisionistas  
tal como aconteceu.

44. Era, de novo, reorganizar o Partido. Agora  
é certo, em novas condições, muito mais difíceis  
em que não havia só que limpar os erros opor  
tunistas, mas combater decididamente o revisi  
onismo cuñhalista e contribuir para o combate  
contra o revisionismo internacional, capitaneado  
pelos krustchevistas. Urgia pôr de pé uma nova  
casa para os marxistas-leninistas, abandonar  
a estrutura caduca do velho Partido. Collocava-  
-se na ordem do dia a cisão dos comunistas.

45. A este trabalho se lançam os nossos ca  
maradas, os elementos sãos do velho Partido.  
Começam por reagrupar os revolucionários na  
Frente de Acção Popular (FAP) e mais tarde cri  
am o Comité Marxista-Leninista-"Revolução Po-  
pular", o CMLP, embrião do Partido Marxista Len  
inista. O trabalho ideológico, em que se conta  
o papel desempenhado pelas "Revolução Popular"  
e o trabalho de organização foi, no essencial,  
positivo. Contudo, houve erros, e nós hoje pode  
mos identificar o erro fundamental: -relegar  
para segundo plano o trabalho de levantar uma  
organização comunista, em detrimento do impulso  
para a realização de acções de massas, sem que  
a estrutura partidária fosse suficiente, sem que  
o trabalho no seio da vanguarda operária e nas  
fábricas fosse suficiente, o que levou à extrema

debilidade orgânico do CMLP, ao enfeichamento no aventureirismo pequeno-burguês, e juntamente com a vaga de prisões e traições acabou por enterrá-lo em definitivo. A partir de 1966 o nosso CMLP perdeu as suas características de organização de vanguarda, e veio a isolar-se progressivamente do terreno concreto da luta de classes em Portugal, enconchando-se na emigração e na luta entre os galos intelectuais arrivistas pequeno-burgueses.

46. Desde 1967, sendo essencialmente uma organização intelectual pequeno-burguesa, o ciarismo constante tornou-se o pão nosso de cada dia. Já Lenine dizia que a "unidade dos intelectuais", isolados da vanguarda da classe operária, é uma promessa vã e utópica. Do CMLP se destacaram os núcleos que estão na origem de muitas das actuais organizações radicais da pequeno burguesia, como é o caso dos "Comités Comunistas Revolucionários", do "O Bolchevista".

47. A par da desorganização das forças marxistas-leninistas, desde 1967, veio a dar-se um acontecimento extremamente importante: o começo da desagregação do aparelho revisionista, a partir de 1969. Inúmeros militantes afastaram-se do Partido revisionista, levando à criação de novos Partidos políticos: surge a EDE que dá origem ao MRPP; a FPLN cinda com o Partido dando mais tarde origem ao PRP; aparece a URML. A proliferação destes agrupamentos políticos essencialmente, pequeno burgueses; tem encontrado a sua razão de ser na incapacidade de união da vanguarda proletária.

48. Ao longo de estes últimos quatro anos o Partido revisionista passou-se com armas e bagagens, totalmente, para o lado da burguesia, tendo desde o 25 de Abril de 1974 passado a agente directo do capital financeiro colonial imperialista, para repressão da classe ope

rária, tornando-se um Partido social-fascista e social-imperialista. As suas fileiras vêm-se desproletarizando e o seu descrédito junto da vanguarda operária aumenta. Ao mesmo tempo, os grupos radicais, que se intitulam de marxistas leninistas, mostram-se incapazes de unir a vanguarda proletária e criar as bases mínimas do Partido. Nestas circunstâncias, sobretudo, desde fins de 1973, muitos revolucionários procuram e na base da experiência do movimento comunista em Portugal, lançar os fundamentos do Partido Comunista (marxista-leninista) de Portugal, digno continuador do que de mais positivo houve no PCP e no CMLP, enquanto estes foram organizações comunistas.

Viva o PCP de Alfredo Diniz, Militão  
Ribeiro e José Gregório!

Viva o CMLP-Revolução Popular!

Abaixo o revisionismo!

Ávante pela criação do PC5m-1) de  
Portugal!

### VIII

#### A revolução em Portugal

49. A instauração da ditadura fascista num país semi-colonial, como o era Portugal, nas duas primeiras décadas do séc. XX veio permitir ao capitalismo nacional o seu crescimento. Na década de 40 já Portugal era um país capitalista, com um proletariado concentrado e uma burguesia nacional constituída, e que se afirmava em pleno dia. O processo da luta de classes veio, então, a polarizar-se, cada vez mais entre a burguesia e o proletariado, colocando na ordem do dia o problema da revolução socialista.

50. Durante muitos anos de vida do nosso Partido o problema do carácter da revolução foi descurado. Mas a partir de 1954 o problema do carácter socialista foi estabelecido. A justeza desta posição foi, de novo, em 1964, com o CMLP realçada na luta contra a linha da "revolução democrática e nacional" dos revisionistas

51.0 desenvolvimento das contradições da ditadura fascista, aceleradas pela crise colonial, obrigaram a burguesia nacional a reomar de novo o uso da democracia burguesa; hoje, em novas circunstâncias, diferentes das anteriores a 1910; hoje com um capitalismo monopolista, de quase 50 de um fascismo que criou uma estrutura estatal extremamente útil à burguesia, e contando com o apoio directo dos revisionistas. A "revolução democrática e nacional" do Partido revisionista ficou a nú; não passava do golpe militar da burguesia, em circunstâncias de aguda crise política. Mais do que nunca, desde o 25 de Abril de 1974, se colocou claramente ao proletariado e ao povo português, a tarefa de acabar, de uma vez por todas, com a própria base do fascismo, o capitalismo. Sem a revolução é impossível liquidar as raízes originárias do fascismo, assim como conquistar a democracia para as massas trabalhadoras.

52. Mais do que nunca tem que ser claro para o proletariado qual o caminho revolucionário a trilhar - a liquidação da exploração do homem pelo homem, a revolução democrática popular socialista que instaure a ditadura do proletariado, sob a forma de República Popular dos Operários e Camponeses pobres de Portugal!

À frente pela revolução democrática-popular e pela instauração da ditadura do proletariado!

República Popular dos Operários e Camponeses pobres!

Contra o capitalismo, o colonialismo, e o imperialismo!

Pão, Paz, Terra, Independência Nacional e Democracia Popular!

Abaixo a exploração capitalista!

::::::::::